



## PEDAGOGIA HOSPITALAR: ATUAÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

ALPIRI, Fernanda Viana<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a atuação do pedagogo em um ambiente hospitalar, e como também as suas práticas educativas. A metodologia utilizada para a efetivação deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica em livros e trabalhos acadêmicos em pdf, sites, entre outros. Através das diversas pesquisas, para embasamento e obtenção do resultado, compreende-se que o atendimento do pedagogo no ambiente hospitalar é atribuído a um ensino continuado, como se fosse uma extensão escolar, mas de forma lúdica. Com atividades que levam em consideração o conhecimento prévio do paciente e assim dando continuidade ao trabalho/ensino escolar. Oferecendo ao educando hospitalizado a oportunidade de continuidade aos seus estudos e aprender mesmo impossibilitado de ir à escola. Sendo assim a partir da análise e dos métodos utilizados para a pesquisa pode-se chegar à conclusão que o pedagogo hospitalar deve desenvolver e criar métodos e estratégias para compreender a realidade de cada aluno, como também, em que nível de aprendizagem o aluno se encontra para que os ensinamentos e conteúdos do pedagogo escolar ganhe sentido na vida escolar do aluno.

**Palavras-chave:** Pedagogo Hospitalar. Ambiente Hospitalar. Aprendizagem. Ensino.

### 1. INTRODUÇÃO

Toda criança e adolescente tem direito à saúde e educação de qualidade. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente Lei no 8.069/1990:

**Art. 4o** É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2017, pág. 11)

Também para frisar sobre o direito da criança e adolescentes, o Ministério da Educação e Secretaria de Educação Especial diz que tem direito ao atendimento

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia Licenciatura Plena pela UNIR; Especialização em Orientação Educacional pela FaSouza. [nandavyanaa@gmail.com](mailto:nandavyanaa@gmail.com)

escolar os alunos do ensino básico internados, ou com atendimento domiciliar, abrigados em casas de apoio, casas de passagem ou em residências terapêuticas.

Sendo assim, esta pesquisa permite ao leitor uma análise sobre a pedagogia hospitalar e sua importância e contribuição para criança e adolescente debilitadas fisicamente, cognitivamente e emocionalmente.

No ano de 2014, o filho mais novo que na época tinha 2 anos adoecia com frequência e por esse motivo direto estava com ele em um Hospital Infantil da cidade. E nesse período de enfermidade, durante as internações, observava as crianças que estavam na mesma situação dele ou até mesmo pior.

E por esse momento ficava imaginando o quanto essas crianças estavam sendo prejudicadas, tanto na sua aprendizagem escolar, familiar, como também, no seu desenvolvimento físico e intelectual. Tendo em vista que além de estarem vulneráveis, sensíveis também o ambiente não colaborava. E em nenhum momento esse filho teve um acompanhamento pedagógico, para saber o desempenho na escola, sobre atividades escolares e também atividades lúdicas. O atendimento era só por parte da equipe de médicos e enfermeiros.

Sendo assim, essa vivência trouxe dúvidas e inquietações que serão respondidas a partir da pergunta norteadora, ou seja, o objetivo desse trabalho que é analisar as contribuições e práticas educativas do pedagogo em um ambiente hospitalar.

Neste trabalho serão abordados dois temas, sendo eles:

- Pedagogo Hospitalar: história e trajetória.
- Competências e práticas educativas do pedagogo no ambiente hospitalar.

## **2. PEDAGOGO HOSPITALAR: HISTÓRIA E TRAJETÓRIA**

A pedagogia hospitalar deu seus primeiros passos no ano de 1935 em uma comunidade de Suresnes em Paris. O prefeito da época Henri Sellier implantou a primeira escola para crianças e adolescentes que estavam internados em um hospital. A partir desta iniciativa em 1939 na França surgiu à necessidade de formar

profissionais para atuar no ambiente hospitalar, e então, através do Ministério da Educação e Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptada-CNEFEI, foi criado o cargo de professor hospitalar. A preparação dos educadores era através de teorias e prática, direcionados para docentes, assistentes sociais e médicos. (OHARA, BORBA e CARNEIRO, 2008).

Um fato que contribui significativamente para o ingresso do pedagogo no ambiente hospitalar foi a Segunda Guerra Mundial, devido a guerra ocorreram muitas internações por longo período de crianças em hospitais, e por este motivo não frequentavam a escola e necessitam de acompanhamento pedagógico, auxílio em suas tarefas da escola.

Segundo Schilke (2008, p. 16), No Brasil a necessidade do trabalho de um pedagogo no ambiente hospitalar se deu a partir do ano de 1950, onde surgiram as primeiras notícias sobre aulas para crianças internadas no Hospital Municipal de Jesus em Rio de Janeiro, porém não tinha vínculo com a Secretaria de Educação. Nesta época os profissionais da área da saúde perceberam a necessidade cognitiva das crianças internadas e a partir disto começaram a inserir na rotina hospitalar ações educativas.

Ainda segundo, Schilke (2008, p. 16), em 1960, no Rio de Janeiro, as crianças internadas no Hospital Barata Ribeiro passaram a ter aulas com uma professora. E neste mesmo ano esses dois hospitais citados anteriormente se juntaram e buscaram regulamentar a Pedagogia Hospitalar junto a Secretaria de Educação, porém esse reconhecimento na área da educação só aconteceu em 2002.

Sobre o reconhecimento e regulamentação da Pedagogia no ambiente Hospitalar, Schilke afirma que:

Apenas em 2002 o Ministério da Educação, por meio da Secretaria da Educação Especial, regulamenta esse tipo de trabalho com a publicação do documento intitulado “Classe Hospitalar e Atendimentos pedagógicos domiciliar; estratégias e orientações.” Que tinha por objetivo estruturar ações políticas de organização do sistema de atendimento educacional em ambientes hospitalares e domiciliares. (2008, p. 16)

Nesse trecho percebe-se que a Pedagogia Hospitalar não se encontra explícito na Legislação Brasileira, geralmente nos deparamos com o termo Classe hospitalar,

mas de acordo com alguns autores como Fontes (2005, p. 121) e Schilke (2008, p. 17) esse termo é muito delimitado para a Educação Especial, pois não abrange todos os projetos de um Hospital, referindo à classe hospitalar de forma geral e não especificamente profissionais ali existentes.

A classe hospitalar oferece para as crianças um acompanhamento didático, para que não ocorra um atraso cognitivo e assim, conseqüentemente não aconteça a defasagem no ensino escolar. A partir disso a Pedagogia Hospitalar entra complementando com um conjunto de ações pedagógicas.

Juntamente com o pedagogo, prestando serviços interdisciplinares existem os psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais, fisioterapeutas e médicos, havendo uma troca de conhecimento, técnicas e metodologias entre eles, possibilitando o crescimento e melhor assistência ao paciente (GALVÁN, 2007) e, dessa forma, uma modalidade complementa a outra.

## **2.1 COMPETÊNCIAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS DO PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR**

Geralmente, o pedagogo é visto somente como professor apto a trabalhar em escolas, no entanto, ele possui um amplo campo de atuação, pois além de trabalhar em escola como professor, supervisor, orientador, diretor, entre outros, esse profissional pode exercer sua função também em ambientes não escolares como, por exemplo, hospitais, empresas, associações, e vários outros que necessitam de um trabalho pedagógico e suas habilidades.

Um pedagogo é preparado para executar algumas práticas tanto no ambiente escolar como fora dela, desta maneira, o Ministério da Educação e a Secretaria de Educação Superior descreve sobre o seu exercício:

O Pedagogo trabalha como professor em creches e em instituições de ensino que oferecem cursos de Educação Infantil e Fundamental; como gestor de processos educativos de sistemas e de instituições de ensino; em editoras e em órgãos públicos e privados que produzem e avaliam programas e materiais didáticos para o ensino presencial e a distância. Além disso, atua em espaços de educação não-formal, como organizações não-governamentais, hospitais, asilos, movimentos sociais, associações e clubes; em empresas que demandem sua formação específica e em instituições que desenvolvem pesquisas educacionais. Também pode atuar

de forma autônoma, em empresa própria ou prestando consultoria. (2010, p. 88)

Sendo assim, o curso de pedagogia capacita o pedagogo para várias maneiras de atuação, cabendo a cada formando escolher em qual ambiente se identifica e se encontra mais preparado, sendo de extrema importância também uma especialização para aprofundamento na área e um melhor desempenho.

A pedagogia no ambiente hospitalar deve ser reconhecida como um trabalho de excelência e rico, que ajudam no enfrentamento da doença. Dessa forma, trabalha vários aspectos como, a educação, a solidariedade, a cooperação, o afeto, ou seja, ações Inter profissionais (MATOS e MUGIATTI, 2009). E assim, pedagogo entra como um auxiliador do aprendizado.

Dentro do ambiente hospitalar, no setor de atendimento de crianças e adolescentes deve ser um lugar diferenciado, visualmente atrativo, alegre, aconchegante, que tenha brinquedos e jogos. Através das brincadeiras eles encontram uma maneira positiva de viver a situação da doença. No entanto, é indispensável o planejamento juntamente com a escola, e com isso dar continuidade ao trabalho escolar (PEREIRA, 2014), para que as crianças e adolescentes possam ser reintegradas à escola após a alta.

Muggiati (2009) assegura, os benefícios que o vínculo entre a escola e o hospital podem trazer para as crianças e adolescentes hospitalizados, ressaltando que ao voltar para a escola esse aluno não tenha tanto prejuízo.

Esta modalidade traz métodos pedagógicos de forma recreativa que ajuda na melhoria da disposição e desenvolvimento tanto da saúde, quanto da aprendizagem, incentivando ao estudo da criança ou adolescente hospitalizados, e assim, minimizando a evasão escolar e repetência. Pois um aluno dentro de um ambiente hospitalar, totalmente debilitado, sem condições nenhuma de desempenhar atividades que lhes são destinadas, certamente se não tiver apoio pedagógico não terá êxito e conseqüentemente haverá evasão ou repetência.

O pedagogo no ambiente hospitalar deve propiciar à criança o conhecimento e a compreensão daquele espaço (FONTES, 2005 apud CASTRO, 2010). Seu objetivo é acolher a ansiedade, as dúvidas, criar situações coletivas de reflexão entre elas,

construindo novos conhecimentos e conseqüentemente melhorando o seu quadro clínico.

Além do curso de pedagogia que engloba o trabalho pedagógico de forma ampla, o pedagogo precisa se qualificar para exercer esta prática em hospitais, através de estudos, pós-graduação e estágios e com isso se qualificando para se tornar habilitado e competente a exercer seu papel com afetividade, criatividade e sensibilidade.

É de responsabilidade do pedagogo lotado neste ambiente, auxiliar o aluno/paciente a passar por este momento de enfermidade, de forma acolhedora, levando o ensino da escola regular de forma dinâmica, alegre, interativa, através de jogos pedagógicos, o ensino lúdico e assim trabalhando o seu desenvolvimento físico e cognitivo para que este consiga se reestabelecer e aprender, pois estar doente não significa que não poderá se desenvolver e crescer. Sobre isso Fontana e Salamunes, diz:

A criança e o adolescente hospitalizados enfrentam um período em que sua maneira de ser e estar encontram-se temporariamente modificada. Nesse processo, a intervenção pedagógica auxilia a criança e o adolescente a darem um significado diferente a esse momento de suas vidas. Esse novo significado é possível através de dinâmicas pedagógicas e interações com a família e a escola. (2009, p. 58)

Dessa forma, faz com que o seu cotidiano no hospital seja parecido com o do ensino regular e através dessas atividades lúdicas realizadas pelo pedagogo hospitalar, além de ajudar a criança diante da escola, ajudará também perante os seus medos e fantasias na internação.

Sendo assim, o pedagogo hospitalar dará continuidade à escolarização regular dos educandos. Realizando atividades direcionadas para essa “clientela” E com isso fazendo a ponte escola-aluno-família. Para Wiles:

A função do professor de classe hospitalar não é apenas a de manter as crianças ocupadas. As crianças estão crescendo e se desenvolvendo estejam ou não no hospital. O professor está lá para estimulá-las através do uso de seu conhecimento das necessidades curriculares de cada criança. Por causa deste conhecimento, pode o professor agir como um catalizador e interagir com as crianças proporcionando condições para a aprendizagem. O professor também funciona de modo importante como uma pessoa de ligação com um padrão normal de retorno a casa e à escola de origem (WILES, 1987, p. 640).

A partir disso, o educador tem um papel importantíssimo e valioso, e é esperado que se esteja preparado para tal, e que busque sempre inovar colocando em prática uma educação de qualidade, e com isso contribuindo com desenvolvimento integral dos educandos.

Diante disto, a brinquedoteca hospitalar entra trazendo possibilidade de atividades lúdicas e interativas. De acordo com a Portaria nº 2.261, de 23 de novembro de 2005:

- Diretrizes de instalação e funcionamento das brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação, de acordo com a Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005.
- Art. 1º A Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005, tem por objetivo a obrigatoriedade, por parte dos hospitais que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação, de contarem com brinquedotecas em suas dependências.
- Art. 2º Tornar a criança um parceiro ativo em seu processo de tratamento, aumentando a aceitabilidade em relação à internação hospitalar, de forma que sua permanência seja mais agradável.
- Art. 3º Entende-se por brinquedoteca o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar, contribuindo para a construção e/ou fortalecimento das relações de vínculo e afeto entre as crianças e seu meio social.

O pedagogo hospitalar pode realizar várias atividades lúdicas educativas com as crianças na brinquedoteca. Vale ressaltar que quando direcionado por um profissional os brinquedos levará para as crianças e adolescentes não só a diversão, mas também o conhecimento. Para trabalhar com crianças e adolescentes hospitalizados deve-se descobrir estratégias diferenciadas e adaptá-las de acordo com a realidade e necessidade de cada um (Rocha, 2002), despertando neles o interesse em aprender.

Ainda sobre a brinquedoteca, Kishimoto ressaltava a importância do uso dos brinquedos de forma pedagógica, pois quando conduzidos e motivados por um profissional que saiba como trabalhar, conseqüentemente irá estimular a aprendizagem e o desenvolvimento intelectual:

O brinquedo educativo materializa-se no quebra-cabeça, destinado a ensinar formas ou cores, nos brinquedos de tabuleiro que exigem a compreensão do número e das operações matemáticas, nos brinquedos de encaixe, que trabalham noções de sequência de tamanho e de forma, nos múltiplos brinquedos e brincadeiras, cuja concepção exigiu um olhar para o desenvolvimento infantil e a materialização da função psicopedagógica:

móviles destinados à percepção visual, sonora ou motora; carrinhos munidos de pinos que se encaixam para desenvolver a coordenação motora, parlendas para expressão da linguagem, brincadeiras envolvendo músicas, danças, expressão motora, gráfica e simbólica (KISHIMOTO, 2001, p. 36).

É dessa forma, que deve ser trabalhado dentro do ambiente hospitalar, não levando um ensino rigoroso, com muitas exigências, cobranças, mas desenvolver com as crianças e adolescentes um trabalho para o desenvolvimento intelectual de forma lúdica, promovendo a interação e dessa forma também fazer com que os educandos por um momento esqueçam que está naquele ambiente, e se distraia com os demais colegas. Friedmann ressalta alguns objetivos da brinquedoteca, sendo eles:

- Valorizar o brinquedo e as atividades lúdicas e criativas;
- Possibilitar o acesso a variedade de brinquedos;
- Estimular o desenvolvimento global das crianças;
- Desenvolver hábitos de responsabilidade e trabalho;
- Provocar um tipo de relacionamento que respeite as preferências das crianças e assegure seus direitos (FRIEDMANN, 1992, p. 37).

Segundo Friedmann (1992), brincar é um direito de qualquer criança, inclusive daquela que está hospitalizada, as crianças estão sofrendo por estarem doentes e ainda são privadas de brincar. E embora as brinquedotecas em hospitais não ocupem um papel significativo no Brasil, elas são de extrema importância para a recuperação dessas crianças. Além disso, o pedagogo hospitalar ao utilizar a brinquedoteca pode trabalhar com os brinquedos e brincadeiras de forma vinculada intencionalmente à escola, realizando um trabalho ligado ao ensino da escola regular.

Através dessa breve pesquisa sobre o tema, percebe-se o quanto é importante um pedagogo hospitalar auxiliando essas crianças. E diante disto, me recordo o tempo em que fiz a graduação em pedagogia (2015), lembrando que na época eu já tinha interesse na área da pedagogia hospitalar, educação especial, relato que fiz na introdução deste trabalho.

Durante o curso, em uma atividade em campo, de entrevista e observação da disciplina sobre a atuação do pedagogo em espaços não escolares, lembro que eu e umas colegas de curso realizamos o trabalho em um hospital infantil. De início tivemos dificuldade para o primeiro contato com o responsável da área de internações. Fomos direcionadas para entrevistar uma enfermeira, sendo ela a responsável pelo setor das crianças internadas. No momento da entrevista fomos informadas que não tinha

pedagogo hospitalar e que o papel que era pra ser desempenhado pelo pedagogo no hospital era de uma enfermeira, mas que o contrato da mesma tinha encerrado e há anos não foi contratado outro profissional.

No momento, esta profissional nos informou também que sentia falta de um trabalho pedagógico e que reconhecia a importância deste profissional, mas o estado não oferecia vagas para contratar pedagogo hospitalar, tanto em contrato temporário, como também, em concursos públicos. E ainda ressaltou que os profissionais da educação deveriam reivindicar esta vaga, esta oportunidade de atuação.

Fomos autorizadas a fazer uma observação na brinquedoteca. A brinquedoteca fica sob responsabilidade de uma pessoa, apenas para organização e controle de brinquedos, para que não sejam levados para outro espaço do hospital. No local não tinham atividades pedagógicas, no momento tinham umas crianças brincando no espaço, cada uma no seu canto, mas as brincadeiras não eram direcionadas para o processo de aprendizagem ligado ao ensino regular.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das pesquisas realizadas para este trabalho, é de extremo espanto saber que a pedagogia hospitalar não é recente e que o assunto começou ser discutido desde o ano de 1935. Muitos anos para pouca importância e reconhecimento. Antes da graduação em pedagogia (2015), eu não sabia da atuação do pedagogo neste ambiente, até porque nunca vi um profissional deste em um hospital na cidade em que moro.

Diante do resultado da pesquisa, foi citado a importância do trabalho deste profissional-para o desenvolvimento físico, cognitivo, atribuindo a interação entre os pacientes, realizando atividades lúdicas e fazendo uma ponte entre família, escola e aluno- e também citando algumas atividades que podem ser realizadas com esses educandos.

Apesar de muito tempo, e sua grande importância, a pedagogia hospitalar precisa ser obrigatória em hospitais. Pois mesmo sendo um direito da criança e do adolescente essa lei não é aplicada.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Senado Federal. Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 115 p.

BRASIL. Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 21 mar. 2005. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2005/prt2261\\_23\\_11\\_2005.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2005/prt2261_23_11_2005.html) Acesso em: 24 jun. 2021.

FONTANA, M. I; SALAMUNES, N. L. C. **Atendimento ao escolar hospitalizado – Smec**. In MATOS, Elizete Lúcia Moreira. (Org). **Escolarização Hospitalar Educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2009. p.52 a 60.

FONTES, Rejane de Sousa. **A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital**. Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. *Rev. Bras. Educ.*, Ago. 2005, nº29, p.119-138. ISSN 1413-2478.

FRIEDMANN, Adriana (org.). **O Direito de Brincar: a brinquedoteca**. São Paulo: Scritta: ABRINQ, 1992.

GALVÁN, Gabriela Bruno. Equipes de Saúde: **O desafio da integração disciplinar**. **Rev. SBPH**. vol.10, n.2. p. 53-61 - Rio de Janeiro, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v10n2/v10n2a07.pdf> . Acesso em: 15 de mai 2021.

KISHIMOTO, Tizuko M. (org.). **Jogo, Brinquedo e a Educação**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar - A humanização integrando educação e saúde**. 7 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes.

Ministério da Educação. Secretária de Educação Especial. **Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília: 2002.

OHARA, Conceição Vieira da Silva; BORBA, Regina Issuzu Hirooka de; CARNEIRO, leda Aparecida. **Classe hospitalar: direito da criança ou dever da instituição?** Revista da sociedade brasileira de enfermagem pediatras, vol.8, n.2, p. 91-99. São Paulo, 2008. Disponível em: [http://www.sobep.org.br/revista/component/zine/article/109-classe\\_hospitalardireito-da-criana-ou-dever-dainstituio.html](http://www.sobep.org.br/revista/component/zine/article/109-classe_hospitalardireito-da-criana-ou-dever-dainstituio.html) . Acesso em: 13 de mai 2021.

PEREIRA, Luciana Ferreira. **Pedagogia Hospitalar: A Leitura Nutrindo a Alma.** 2014. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/pedagogia-hospitalar-leitura-nutrindoalma.htm>>. Acesso em: 29 jun 2021.

ROCHA, Simone M.; PASSEGGI, M. C. F. B. S. **Classe hospitalar: um espaço de vivências educativas para crianças e adolescentes em tratamento de saúde.** São Paulo, 2002.

SCHILKE, Ana Lucia T. **Representações sociais em espaço hospitalar.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2008.

WILES, P. M. **A professora da enfermaria do hospital. Jornal de enfermagem avançada.** Londres, 1987, n. 12, p. 631-640